O pic-nic e a quarentena mortífera (V)

Dona Zilá, minha sogra, mesmo sendo do altíssimo grupo de risco, faz questão de ir à farmácia todos os dias, contrariando todas as regras do confinamento.

Em sua cadeira de rodas, o máximo que eu consegui como seu motorista-condutor foi revesti-la com cadeira e tudo em insulfilm de cozinha. Ela nem se importa com os olhares atônitos e perplexos. Eu, depois de tanto tempo confinado, relaxado como estou, até já estou gostando do passeio. Às vezes, confesso que fico até chateado de ver a Barata Ribeiro vazia.

Tenho umas fantasias de conduzir, com a maestria de um motorista de Uber, Dona Zilá em sua cadeira passando veloz entre a multidão e recebendo aplausos e vendo, aqui e acolá, as lágrimas de emoção de uns e outras pela cena de ternura e solidariedade.

A máscara por cima do insulfilm e as mãos devidamente enluvadas enfiadas nos dois buracos da carapaça insulfílmica são a prova incontestável de que Dona Zilá e eu estamos do lado da ciência e da vida. Minha antiga certa antipatia pela sogra foi dissipada com a quarentena. Ex-violinista e leitora de Schopenhauer é hoje motivo de minha admiração.

Eu até poderia dizer que na trama insolúvel do apê onde habitamos com mais duas seres humanas criamos, eu e ela, uma espécie de aliança tácita e empática.

Mas, deixa estar que sempre há algum porém.

Anteontem ao voltar da farmácia, Dona Zilá que ouve quase nada, ao adentrar no cubículo habitacional olhou para Marli (a filha) e Calissa (a neta) e sentenciou: *"Amanhã vamos fazer um pic-nic."* E ante os olhares perplexos das moças, seus olhos marejaram e sua glote bradou, enquanto as lágrimas escorriam: *"Essa quarentena não pode nos derrubar! Hoje lembrei do meu tempo de bandeirante, era lindo! Amanhã vamos fazer um pic-nic!"*

Marli tentou balbuciar *"mas mamãe..."*. E antes do veredicto, minha filha maluquete foi logo dizendo: *"IH, vó adorei a ideia."* Pensei: *"Fudeu. Sobrou pra mim."*

Acordei 6 horas da manhã pra dar tempo de afastar os móveis da sala (ainda bem que são poucos). Empilhei as cadeiras, quase quebrei a cristaleira. Pra abrir espaço tive que desaparafusar a mesa e botar em pé, metade tapando a entrada da cozinha e metade a do banheiro. Marli me falou: *"como é que a mamãe vai entrar no banheiro?"*. Eu já estava esperando a pergunta maliciosa, respondi na lata: *"bota duas fraldas descartáveis."*

O maior problema, por incrível que pareça, foi a escolha da toalha pra botar no meio da sala. Toalhas de banho eram pequenas, lençóis eram finos, colchas escorregavam, cobertores eram muito grossos, o edredom da noite de núpcias nem pensar. Nisso, já devia ser umas onze horas da manhã. Dona Zilá, já meio impaciente, falou: *"me dá a minha caixa de costura."* E emendou: *"meu filho, cadê aquelas camisas da sapataria que você não 'tá usando na quarentena? Me traz aí umas oito."* Corri e achei sete. Não falei nada pra não chamar a atenção da velha. Eu nem sabia que além de ex-violinista e leitora de Schopenauer ela era exímia costureira. Em vinte minutos estava quase pronta a toalha do pic-nic, mas Dona Zilá era implacável observadora e reclamou da oitava camisa. Não teve jeito, lá se foi a parte de cima do meu pijama que tinha sido recém-roubado e recém-aparecido.

Comemos mortadela, polenghinho, geleia de jaca, cream-cracker e uma sardinha em lata, vencida em 2014, mas que estava em bom estado. Para beber: guaraná natural Strong e vitamina de banana. Devo confessar que passado o susto inicial, a ideia do pic-nic foi muito boa. O único problema foi aparafusar a mesa da sala. Acho que vai levar ainda alguns dias.

Ainda bem que estamos em quarentena. •••

Domitilo de Andrade - abril 2020